

Diálogo com a arte: a síndrome de Hal e a síndrome de Pariwat

RESUMO

Fábio Luiz Tezini Crocco
Instituto Tecnológico de Aeronáutica
(ITA), São José dos Campos, São
Paulo, Brasil
crocco@ita.br

Denise Stefanoni Combinato
Universidade Federal de Uberlândia
(UFU), Uberlândia, Minas Gerais,
Brasil
denisecombinato@hotmail.com

A partir dos questionamentos de progresso natural, tecnocracia e controle da natureza e da sociedade presentes nos estudos CTS, o objetivo deste trabalho é estabelecer um diálogo com a arte através das obras *2001: Uma Odisseia no Espaço*, de Clarke e Kubrick e *Um dia, um rio*, de Cunha e Neves, considerando a alegoria como uma forma de revelação de síndromes sociais e de crítica ao real. Como método, será realizada uma discussão teórica, com a apresentação do conceito de alegoria em Walter Benjamin e, em seguida, a análise das obras citadas, com destaque para a Síndrome de Hal e a Síndrome de Pariwat. Como resultado, entende-se a síndrome em sua perspectiva sociológica como uma alegoria que busca, por um lado, revelar uma profunda dependência tecnológica, com graves consequências psicossociais a partir da produção, do uso e do controle das tecnologias de Inteligência Artificial e, por outro, uma exploração ambiental que coloca em risco a saúde e a vida das populações, dos rios e da Terra.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Alegoria. Ensino.

INTRODUÇÃO

O diálogo com a arte

O diálogo com a arte nos permite ampliar o ato de conhecer, através do acesso à realidade pela via das emoções e dos sentimentos, que nos mobiliza de forma afetiva. Além de acessar o real pelos sentidos, a figuração artística permite fantasiar e hiperbolizar elementos, características e fenômenos específicos e, assim, focar e iluminar aquilo que se deseja mostrar.

As alegorias presentes na arte permitem estabelecer uma ponte com os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), esclarecendo e criticando a realidade.

Considerando os questionamentos dos estudos CTS, o objetivo deste trabalho é estabelecer um diálogo com a arte através das obras *2001: Uma Odisseia no Espaço*, de Arthur Clarke e Stanley Kubrick e *Um dia, um rio*, de Leo Cunha e André Neves, tendo a alegoria como forma de revelação de síndromes sociais e de crítica ao real.

Etimologicamente, alegoria significa “dizer alguma coisa para dizer outra” (Rouanet, 1984, p. 37), ou seja, é uma figura de linguagem que vai além do sentido literal das palavras, que representa coisas e ideias por meio da aparência de outras. Embora possua semelhanças com a metáfora, a alegoria está presente de forma mais ampla e aberta em parábolas, fábulas, romances e poemas.

Walter Benjamin nos legou o método alegórico enquanto forma messiânica de fulgurar, irromper e revelar as ruínas e os cacos da modernidade ocidental. Segundo Benjamin, “as alegorias são, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas” (1984, p. 28). Contrapondo-se ao símbolo, que representa o universal, a unidade, a verdade e a totalidade, a alegoria benjaminiana diz respeito à estética do fragmento herdada do conceito de crítica dos teóricos românticos da linguagem, que nos permite dismantelar a fachada harmoniosa do mundo que nos circunda (Benjamin, 1987), a partir de uma revisitação do passado que nos permita promover um olhar mais refletido sobre o presente e consciente sobre o futuro.

Um exemplo é a alegoria do *Anjo da história* de Walter Benjamin que nos atinge e sensibiliza com uma potência esclarecedora e crítica de imagens e processos figurativos que representam, por exemplo, o progresso não como evolução, avanço ou desenvolvimento, mas como catástrofe.

Na perspectiva sociológica que embasa as reflexões deste ensaio, *síndrome* representa um conjunto (do grego: *syndromé* = reunião) de sintomas coletivos e sociais. Estes são rastros, vestígios, indícios, manifestações e evidências que revelam fenômenos constantes, repetitivos, persistentes e significativos da realidade e da ação social e, conseqüentemente, da ação e do sentimento dos indivíduos. Enquanto conceito que faz fronteira com o campo cognoscente da saúde mental (Psicologia/Psicanálise), a ideia de síndrome pode ser compreendida enquanto um conjunto de sintomas (coletivos e sociais) indesejados que geram nos indivíduos insatisfação, angústia e sofrimento subjetivo, articulado a fatores estruturais da dinâmica e do metabolismo societal.

Apesar dessa articulação com o social não ser óbvia, na perspectiva da Psicanálise, caminhos foram trilhados nessa direção a partir dos estudos de Freud e, principalmente, de Lacan (Fleig, 1993; Vanier, 2002). Para Dunker (2015) e Safatle (2008), o conceito de sintoma social ajuda a compreender como problemas estruturais da sociedade podem causar patologias individuais. Nesse sentido, eles destacam que sintomas individuais como depressão e ansiedade podem ser manifestações de iniquidades e problemas coletivos, como desigualdade, opressão e falta de reconhecimento. De forma similar, Kehl (2020) explica o conceito de sintoma social como manifestação subjetiva de conflitos sociais relacionada ao ressentimento. Para Kehl, o ressentimento é uma resposta emocional dos indivíduos quando se sentem lesados e injustiçados socialmente somada à impotência ou incapacidade de superar tal condição. Conforme destaca a psicanalista, “na língua portuguesa, o prefixo “re” indica o retorno da mágoa, a insistência em uma queixa, a conservação ativa de uma ofensa”. Portanto, não é tão somente uma questão individual, mas um reflexo subjetivo (e de subjetividades) de questões sociais, como desigualdades e injustiças que geram nos indivíduos um sentimento de incapacidade e impossibilidade de serem enfrentadas e superadas.

De forma genérica, a síndrome social, enquanto conjunto de sintomas sociais, nos traz a ideia de um estado social mórbido associado ao sentimento coletivo de medo e sofrimento e à proliferação de fenômenos individuais de depressão, angústia, ansiedade, fobia, pânico e ressentimento.

Neste artigo, construiremos esse conceito sociológico em mediação com a forma alegórica da arte a partir de sua figuração metafórica que permite acessar a realidade para além da abordagem abstrata, objetiva e racional.

METODOLOGIA

O modelo de alegoria na *Síndrome de Frankenstein*

De forma pedagógica, heurística e cognoscente, professores, pesquisadores e estudantes empregam frequentemente a *Síndrome de Frankenstein* para expressar um fenômeno coletivo, que ressoa nos indivíduos, relacionado ao medo/receio de sermos controlados, dominados e destruídos pelas nossas próprias criações.

A Síndrome que leva o nome do personagem literário *Frankenstein*, da novela de Mary Shelley, publicada em 1818 (*Frankenstein ou o Prometeu Moderno*) metaforiza de forma crítica a postura do/a cientista (médico/a) – e da ciência instrumental e irracional, pois irrefletida de seus fins e consequências – que atua a partir de seus valores como *Criador* (a imagem e semelhança de Deus) de forma antiética e irresponsável, cujas aspirações iniciais se desviam e passam a perseguir objetivos diferentes daqueles estabelecidos no *Juramento de Hipócrates* e na ética científica.

Cerezo *et al.* (2003) explicam a *Síndrome de Frankenstein* a partir do diálogo figurativo com obras artísticas, lendas e mitos e remete suas origens a fenômenos e sentimentos temporalmente longínquos que se metamorfoseiam na história e continuam vívidos no presente. O temor das forças desencadeadas pelo poder do

conhecimento é intensificado e ganha contornos singulares na modernidade ocidental, conforme preanuncia e ilumina como um farol a obra de Mary Shelley.

A partir da industrialização, enquanto processo estrutural que revoluciona – desigualmente – a sociedade, presenciamos, nos últimos dois séculos, a transformação dos nossos modos de vida, assim como guerras, genocídios e catástrofes relacionadas ao dito progresso científico, técnico e tecnológico.

Mas, longe de serem resultados do progresso natural do conhecimento, a ciência, a tecnologia e a inovação são meios criados e mobilizados, fundamentalmente, pelos interesses e finalidades do capital em sua articulação intrínseca com os poderes políticos. Empregados na velocidade que os negócios e as guerras exigem, tais meios realizam, na maioria das vezes, exatamente os valores e as finalidades para os quais foram projetados e programados.

Do aprimoramento da máquina-ferramenta e da criação da força motriz artificial às novas formas de energia renovável e ao incremento da Inteligência Artificial Generativa, vivenciamos a compressão do espaço tempo (Harvey, 2006) que altera e dificulta nossa capacidade de lidar com as realidades em transformação à nossa volta.

Na atualidade, a velocidade das transformações tecnológicas está relacionada às necessidades de produtividade e competitividade dos mercados globalizados e financeirizados diante de um sistema neoliberal em crise. Articuladas a esse processo, estão a precarização sociolaboral e as exigências internalizadas nos indivíduos de produtividade e desempenho, que estão mediadas à explosão de casos de depressão e ansiedade (Corbanezi, 2021).

Tal velocidade – de giro de produção e circulação de mercadorias e serviços e de guerras que se somam e aglutinam de forma globalmente catastrófica – está descompassada da reflexão e do pensamento crítico necessários ao desenvolvimento ético do conhecimento e à aplicação de meios técnicos e tecnológicos de forma conscientes de seus fins e responsável pelas suas consequências. Esse descompasso e o limitado exercício analítico e reflexivo da transformação dos processos sociais alimentam o temor que fundamenta a *Síndrome de Frankenstein*.

A tempestade que sopra do paraíso e acumula ruínas, conforme a alegoria benjaminiana, em tempos de crise econômica, guerras e mudanças climáticas intensifica o desastre socioambiental. Diante desse cenário alarmante que presenciamos todos os dias, precisamos elaborar formas de mobilizar a crítica teórica e o engajamento prático para compreender e resistir a esses processos.

Consideramos que o diálogo com a arte pode enriquecer nossa compreensão de mundo, e a mediação da racionalidade tecnocientífica e da sensibilidade estética pode tornar-se importante via para sensibilizar, conscientizar e mobilizar a ação das pessoas diante dos problemas concretos e urgentes que enfrentamos socialmente. Assim, com base no conceito de alegoria de Walter Benjamin e das análises sobre o *Anjo da história* e a *Síndrome de Frankenstein*, faremos a discussão das obras *2001: Uma Odisseia no Espaço*, com destaque para a *Síndrome de Hal* e *Um dia, um rio*, com destaque para a *Síndrome de Pariwat*.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A Síndrome de Hal

O sexto membro da tripulação não dava qualquer importância a todas essas coisas, já que não era humano. Tratava-se do altamente aperfeiçoado computador HAL 9000, o verdadeiro cérebro e sistema nervoso da nave.

[...]

Poole e Bowman frequentemente gracejavam quanto ao seu papel de faxineiros ou zeladores a bordo de uma nave que, na verdade, poderia ser totalmente auto-suficiente. Ficariam surpresos, e até mesmo indignados, se soubessem até que ponto as suas pilhérias se aproximavam da realidade (Clarke, 2010, p. 57-59).

O diálogo com a arte e seu potencial reflexivo e crítico assumem contornos estimulantes na atualidade a partir da aproximação de ficção e realidade tomando como referência a obra *2001: Uma Odisseia no Espaço* - primeira da tetralogia *Odisseia no Espaço* – escrita em 1968 por Arthur Clarke e produzida paralelamente no cinema por Stanley Kubrick¹.

A obra enigmática e permeada de simbologias e intertextualidades aguça a curiosidade do leitor/espectador sobre a evolução das espécies – principalmente a humana, o desenvolvimento tecnológico – e suas consequências, os mistérios do universo e as fronteiras do conhecimento.

É apresentada uma sequência de acontecimentos que vão da pré-história humana à viagem espacial ultratecnológica da nave *Discovery One* rumo a um planeta nos limites mais longínquos do sistema solar em busca de respostas sobre a existência de um misterioso monolito que a obra sugere ter sido o desencadeador da evolução humana.

A viagem espacial só foi possível devido ao poder do monolito, mas também foi graças a ele que Hal 9000 foi construído. Não fosse o artefato milenar (que funciona bem como metáfora da razão, da evolução, do ímpeto de Prometeu, da geometria, da ordem, do artifício), não haveria sequer a ideia de catábase, pois a morte não seria intuída sem contar com a razão. O monolito tanto estaria relacionado à “evolução” dos primatas, quanto ao avanço da ciência e da tecnologia, sintetizadas em Hal (Felipe; Chauvin, 2020).

2001: Uma Odisseia no Espaço exige a capacidade do leitor/espectador de encadear e relacionar os fatos, pois é conduzida de forma leve, sutil – uma monotonia proposital – e não apresenta respostas simples e prontas. Eis o caráter enigmático, metafórico e aberto a interpretações da obra, o que a torna rica em possibilidades de análise e reflexão.

Ela pode ser dividida em três partes (1. Alvorecer da humanidade, 2. Ápice da Evolução Tecnológica e Exploração Espacial e 3. Jornada desconhecida), mas é na segunda que transcorre o episódio que nos conduz à discussão da *Síndrome de Hal*, embora a primeira e a terceira nos estimulem a refletir questões importantes como nossa história pregressa e o futuro da humanidade em relação à tecnologia e à exploração espacial.

Na segunda parte, o enredo discorre sobre a capacidade inventiva humana, os avanços tecnológicos e, o que é central aqui, o conflito entre humanos e máquinas materializado no embate dos tripulantes da *Discovery One* com a superinteligência artificial Hal 9000 (algorítmico heurísticamente programado).

A sequência de acontecimentos na nave espacial, referente à relação entre os tripulantes humanos e Hal 9000, transmite a tensão e a ideia de que o Computador Inteligente comete erros, enlouquece e sofre da *Síndrome de Frankenstein*, voltando-se contra os humanos que o criaram, eliminando-os. Mas, a análise detalhada do encadeamento dos fatos nos possibilita outras interpretações, contrariando o esquema comum e repetitivo de obras *mainstream* da indústria cultural.

Diferentemente, nos permite interpretar que os erros de Hal 9000 são blefes premeditados do supercomputador para avaliar psicologicamente a capacidade e o comprometimento dos tripulantes humanos para completar a missão. Os erros de Hal 9000 aparecem em duas cenas: no jogo de xadrez entre Hal e Poole quando o Computador “erra” uma jogada e quando Hal pede a Bowman para lhe mostrar seus desenhos e na sequência faz uma pergunta pessoal insinuando que os astronautas estariam inseguros com a missão e afirma estar fazendo avaliações psicológicas dos tripulantes.

Há nessa trama, em diálogo vívido com a atualidade, uma *Síndrome* diferente da de *Frankenstein*.

Nos dois casos, há um sentimento de perda de controle e perigo, mas, diferente do monstro orgânico criado por Mary Shelley que se volta contra seu criador, destruindo-o, na *Síndrome de Hal* percebemos a obediência às ordens do criador, materializada na programação algorítmica e no respeito à missão (chegar à fonte do sinal enviado pelo monólito), enviada secretamente pelo centro de comando na Terra em meio à jornada para Jupiter. A relevância e os parâmetros da missão recebida por Hal não são revelados ao leitor/espectador, mas insinuam que ela foi colocada acima das vidas dos tripulantes. Essa questão está contextualizada no período de Guerra Fria em que a obra foi produzida, a ascensão armamentista, os problemas ambientais etc. Hal não se rebela ou enlouquece, mas atua enquanto máquina inteligente e usa sua capacidade algorítmica para executar da melhor forma possível aquilo para o qual foi programado: completar a missão.

Seguindo à risca sua meta programada, aqueles considerados incapazes ou perigosos são disfuncionais e, portanto, eliminados. Os fins são levados às últimas consequências, independente dos meios para atingi-los, insinuando a irracionalidade mediada ao ápice da razão. Somente um ser não-humano poderia não se comover com tais atos em processo e por isso torna-se uma ferramenta tão eficiente.

No caso da *Síndrome de Frankenstein*, a finalidade de manter a vida é subvertida e volta-se contra nós, destruindo-nos. Na *Síndrome de Hal*, a finalidade

incutida via programação algorítmica é seguida e respeitada, mas nem por isso significa que estamos seguros.

A *Síndrome de Hal*, enquanto fenômeno psicossocial, evidencia nosso temor, nossas dúvidas e preocupações com o avanço das inteligências computacionais na atualidade, principalmente aquelas capazes de emular traços humanos, como os *chatbots* de comunicação e as Inteligências Artificiais Generativas baseadas em *machine learning* capazes de gerar imagens, vídeos e sons. Mas, essa insegurança não se encontra num fenômeno espetacular e improvável, e sim nos próprios interesses político-econômicos que investem tantos recursos para o desenvolvimento e a aplicação das novas gerações de Inteligência Artificial (IA). Por isso, o enfrentamento e a superação da *Síndrome de Hal* dependem de respostas a algumas perguntas importantes: Quais interesses determinam a programação algorítmica? Quais suas finalidades? Quem as definem e as controlam?

Por ser extremamente custosa, a produção e o controle de tais tecnologias estão hoje nas mãos do oligopólio das *big techs* (e.g. Google, Apple, Microsoft, Amazon e Meta) e, assim como a *Discovery One* controlada pelo Hal 9000, pouco a pouco seguimos as recomendações e as análises preditivas da IA e transferimos a gestão das nossas vidas (coletiva e individual) às suas plataformas digitais privadas que tratam seus códigos como *caixas pretas* e que resistem com gigantesco *lobby* às regulamentações que prejudiquem seus negócios.

Além disso, a *Síndrome de Hal* está materializada na realidade na falta de consciência sobre os efeitos psicossociais da inteligência artificial (trabalho, educação, saúde), nas denúncias já vindas a público contra o uso da IA realizada, principalmente, por *big techs* (e.g. influência em eleições, dependência tecnológica, dismorfia corporal e exploração laboral) e respostas e reações inesperadas e emocionais vindas dos sistemas operacionais que cada vez mais são treinados para reagir de forma semelhante aos humanos. Esses são alguns exemplos que resultam em ansiedade por causa das incertezas e inseguranças relacionadas ao potencial das novas tecnologias de IA.

De modo geral, a *Síndrome de Hal* expõe uma forma mais profunda de dependência tecnológica, um nível de aprisionamento da humanidade pelas condições impostas pelas máquinas que nós mesmos criamos e programamos. Ou seja, criamos e programamos máquinas informacionais inteligentes e super avançadas, projetamos nossa humanidade nelas, delegamos a elas nossas escolhas e segurança e nos desumanizamos.

Na produção cinematográfica dirigida por Kubrick, é evidente o processo de humanização da máquina que apresenta sentimentos, emoções e profundidade dramática – inclusive com o artifício de câmeras subjetivas que colocam o espectador na perspectiva de Hal, e a desumanização das pessoas retratadas sem reações emocionais como máquinas insensíveis. O Sistema Operacional blefa, quebra regras, tem orgulho de ser infalível e sente medo quando está prestes a ser desligado. A obra satiriza essa consequência do avanço tecnológico e apresenta um ser humano engessado pela tecnologia num ambiente apático, monótono e numa sociabilidade tola, num diálogo intrigante com sociabilidade presente atualmente nas redes sociais mais populares (*WhatsApp, TikTok, Instagram, Facebook*).

A Síndrome de Pariwat

Um dia eu fui rio,

Bacia,

Vale.

Eu era melodia.

Hoje sou silêncio (Cunha e Neves, 2016, p. 10-14).

A obra literária *Um dia, um rio*, escrita por Leo Cunha e ilustrada por André Neves é dedicada ao Rio Doce e tem como personagem principal o rio. Trata-se de um texto relativamente simples – se considerarmos o universo vocabular e o encadeamento do enredo; e, ao mesmo tempo, extremamente profundo, articulando texto e imagem em uma forte crítica socioambiental, que exige do leitor/receptor uma análise de multimeios (texto e imagem), assim como de contexto histórico-político-econômico relacionado à catástrofe ambiental vivenciada no país nos últimos anos.

Em novembro de 2015, após um crime ambiental ocasionado pelo rompimento de uma barragem em Mariana/MG, pessoas morreram, distritos desapareceram, vegetações foram devastadas, animais não humanos foram mortos ou desenvolveram anomalias devido a ingestão de metais e o Rio Doce segue contaminado².

Na primeira parte da obra literária, o rio se apresenta de forma saudável, criando relações com ambientes, animais humanos e não humanos. As ilustrações estão em um fundo branco, demonstrando a pureza desse ambiente.

Minha dança colore os mapas,

Meu canto refresca as matas.

Minhas veias irrigam florestas [...]

Enchi de casos os pescadores,

De lembranças os viajantes (Cunha e Neves, 2016, p. 7-9).

Na segunda parte, a partir da introdução na ilustração de uma máquina com feições humanas, são despejados dejetos no rio e o fundo fica completamente escuro, marrom, manifestando a destruição e o amargor daquele lugar que deveria ser o *nosso* lugar. Mergulhamos em páginas onde é difícil abrir os olhos e realizar a leitura do texto que tem letra preta em fundo marrom. Importante ressaltar que olhos humanos, olhos animais, vida animal e vida vegetal foram ceifadas. O uso da voz passiva aqui não é um mero estilo de linguagem. É proposital. Essas pessoas, animais, natureza não morreram. Foram mortas.

Meu leite virou lama,
Meu peito, chumbo e cromo.
Minhas margens, tristeza.

Eu era doce,
Hoje sou amargo (Cunha e Neves, 2016, p. 16).

Na terceira parte, o fundo da ilustração se torna vermelho, já que “com lágrimas de minério”, o rio vai “sangrando até o mar” (p.17). O personagem então se lembra quando “ouvia os gritos das crianças” (p.20), “ouvia o canto das lavadeiras” (p.21), momento em que os peixes carregam essas lembranças, evidenciados pela ilustração. No final dessa parte, em uma transição do vermelho para o marrom novamente, o rio lamenta que não vê mais ninguém. Os peixes que estavam vivos carregando as lembranças na parte anterior se transformam em ossadas.

Por fim, o fundo da ilustração volta a ficar claro e o texto, a partir de intertextualidades, aponta alguma perspectiva de futuro.

Flores nascem no deserto,
A água brota na rocha
E a luz, da escuridão.
Serei um rio,

Um dia (Cunha e Neves, 2016, p. 28).

Há nessa obra artística uma forte crítica à exploração e à destruição ambiental, tema emergente que nos faz pensar em uma *Síndrome*, assim como dialogamos sobre a *Síndrome de Frankenstein* e a *Síndrome de Hal*.

A metáfora da *Síndrome*, conforme discutimos anteriormente, expressa um fenômeno coletivo, repetitivo, que impacta nos comportamentos e afetos dos indivíduos. Com a *Síndrome de Frankenstein*, discutimos como a atividade do cientista/médico pode, no lugar de proteger a vida, destruir; e, na *Síndrome de Hal*, buscamos refletir como a ilusão do desenvolvimento técnico-científico expresso na programação algorítmica também pode ocasionar nossa destruição. Na *Síndrome de Pariwat*, temos uma sociedade capitalista representada pelo “homem branco” que se entende superior a outros povos e outras formas de vida e que, assim como nas outras síndromes, têm a ilusão de que a razão e o desenvolvimento técnico-científico-econômico podem nos salvar, mas, ao contrário, está nos destruindo à medida que tal exploração revestida de desenvolvimento destrói o ambiente.

Os povos Munduruku que vivem na região do Rio Tapajós, no Pará, utilizam a palavra *pariwat* para identificar “os que não pertencem” ao território, seus inimigos. *Pariwat*, na língua Munduruku, significa “combate ao inimigo” ou

simplesmente “inimigo”. A palavra também foi usada em uma operação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) no Pará, em fevereiro de 2023. A operação *Pariwat* desativou sete garimpos em unidades de conservação na região da BR-163³.

O que houve em Mariana/MG – alegoricamente representado por Cunha e Neves (2016) – não foi um acidente, mas um “crime”, conforme bem define Krenak (2020, p.42). Como em outros eventos climáticos (nada naturais), o inimigo *pariwat* se apropria de um território, apresenta uma narrativa com aparentes benefícios (a pergunta que repetimos é: “benefícios a quem?”) e esconde a verdadeira essência da narrativa de exploração e degradação ambiental, impactando fortemente as vidas dos seus povos, muitas vezes deixando-os “órfãos” (p.42). Órfãos não necessariamente porque filhos perderam seus pais humanos nessas catástrofes ambientais – o que também pode acontecer; mas porque seus ascendentes, seus ancestrais da natureza, foram mortos. O rio é considerado um avô pelos povos originários.

Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilômetro do quintal da minha casa, canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir (Krenak, 2022, p.9).

O rio Doce – ou *Watu* para os povos Krenak – “não é um recurso [...] Ele não é algo que alguém possa se apropriar” (Krenak, 2020, p.40). Trata-se de uma parte “sagrada” (p.49) constituinte do território, que é coletivo. Esse avô, por muito tempo e ao longo de muitos quilômetros, sustentou vidas. Portanto, a morte do Rio Doce deixou órfãos várias comunidades, não apenas de povos originários.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos (Krenak, 2020, p.49-50).

Para os povos originários, conforme explica Brum (2021), “não existe a natureza e as pessoas humanas, uma coisa e outra coisa. Há apenas natureza. Os indígenas não estão na floresta, eles são floresta” (p.23).

Embora os povos originários sejam os mais cuidadosos com a mãe Terra, com o avô Rio – justamente porque se consideram e se sentem parte da natureza, os impactos ambientais afetam a todos. Enchentes, secas, incêndios e ondas de calor estiveram (ou estão?) presentes nos últimos tempos indiscriminadamente em várias regiões do nosso país.

Os crimes ambientais – em particular, o crime ocasionado em Mariana/MG – não estão isolados do modo de funcionamento de exploração que acontece na sociedade capitalista. Embora alguns defendam uma perspectiva de “desenvolvimento sustentável”, de maneira que a produção e a geração de lucro sejam “socialmente justa e ambientalmente correta”, garantindo a “prosperidade econômica, a qualidade ambiental e a justiça social” (Marques et. al., 2021, p.134), questionamos se é possível conciliar as ambições capitalistas com as questões ambientais e sociais. Apoiados em estudos como o de Enrique Leff, Marques *et al.* (2021) entendem que se trata de difícil conciliação: “é preciso lembrar que o modo de produção capitalista, fundado na apropriação de mais valor criado pelo trabalhador assalariado, reproduz-se como sistema organizador de todos os aspectos da vida em sociedade independentemente da ação consciente ou autônoma dos indivíduos” (p.135). A produção e o consumo intensos característicos desse modo de produção são inconciliáveis com a proteção social e ambiental.

Na *Síndrome de Pariwat*, o modo de funcionamento do “homem branco” envolve, além de uma “política de apagamento de tudo o que existiu antes” de sua chegada nos territórios (Brum, 2021, p.26), a ilusão de alcançar desenvolvimento e prosperidade (ressalta-se que tais “conquistas” são sempre parciais, ou seja, atingem um determinado grupo, uma determinada população, embora o discurso não aborde essa particularidade, evidentemente), mesmo à custa da destruição do território, deixando escura, (quase) sem possibilidade de visibilidade, a realidade, a perspectiva de vida.

Krenak (2022) questiona: “Será que vamos matar todos os rios? Vamos fazer com que todos esses seres maravilhosos, resilientes e capazes de esculpir pedras se convertam em risco para a vida e desapareçam?” (p.14).

A partir da análise da relação entre a destruição da floresta Amazônia e da vida das mulheres através do controle e do domínio de corpos e ecossistemas virgens, Brum (2021) considera que a luta pela floresta (e aqui podemos ampliar para o rio e para a natureza, de forma geral) envolve uma “luta contra o patriarcado, contra o feminicídio, contra o racismo, contra o binarismo de gênero. E também contra a centralidade da pessoa humana” (p.49).

Em Altamira, a luta contra a destruição da floresta e a luta contra a destruição das mulheres são a mesma luta. Literalmente a mesma luta. Mais uma vez, não é uma coincidência. A lógica da destruição não faz distinção dos corpos a serem destruídos, floresta ou mulher. É um elemento estruturante do sistema que conforma o mundo. Mais do que alterado, esse sistema precisa ser derrubado, porque a violência não é um dado a mais, mas sim a própria estrutura que sustenta o edifício interior” (Brum, 2021, p.62).

Nesse sentido, diante de uma situação de emergência climática, pensamos no enfrentamento à *Síndrome de Pariwat* a partir de uma perspectiva de cuidado presente nos povos originários que não seja centrada no humano e no capital.

Assim como o rio indica movimento, assim como “flores nascem no deserto/ A água brota na rocha” (Cunha e Neves, 2016, p.28), acreditamos que, se formos rápidos e se adotarmos uma perspectiva radical e integradora de cuidado, pode haver uma possibilidade de superação e transformação.

Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora (Krenak, 2022, p.52).

Numa perspectiva de integração entre arte e ciência, para “misturar [...] o verdor primal das águas com as vozes civilizadas” (Barros, 2013, p.184), defendemos a valorização e a integração de saberes entre as culturas e os povos para o combate da *Síndrome de Pariwat*, tendo em vista o cuidado com a natureza da qual somos parte, da qual dependemos.

Conforme afirma Krenak (2020), “se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir a nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos” (p.44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As síndromes apresentadas neste artigo (*Frankenstein*, *Hal* e *Pariwat*), em diálogo com a alegoria artística, capturam e problematizam cacoc e ruínas da Modernidade e refletem sobre um conjunto de sintomas e efeitos sociais que se originam dela. Elas tratam da mesma realidade material, que orientada pelo modo de produção e *ethos* capitalista, desenvolve um aparato técnico-científico poderoso, sem que isso represente, necessariamente, benefícios para a vida coletiva, para as futuras gerações e, ambientalmente, para o planeta como um todo. Aos efeitos pregressos e contraditórios do avanço científico, tecnológico e industrial, retratados na *Síndrome de Frankenstein*, somam-se os da *Síndrome de Hal*, que opera sob uma base técnico-científica informacional digital e algorítmica. Ambas, cada uma de forma específica, impactam a vida social e o meio ambiente. Exemplos materiais desses impactos, que conectam todas as Síndromes, são, por exemplo, as mudanças climáticas, a partir do modo de vida pautado no consumo excessivo de produtos industrializados, e os desafios relacionados ao avanço das novas tecnologias de Inteligência Artificial, que dependem, dentre outros fatores, do aprofundamento do consumo de energia para movimentar os *datacenters* e da extração de metais preciosos e semipreciosos que compõem a estrutura física dos *hardwares*, sem os quais todo o sistema digital não funciona. À tragédia de Mariana/MG, somam-se muitas outras tragédias socioambientais, como é o caso do ouro encontrado em equipamentos eletrônicos de empresas americanas,

(Apple, Amazon, Google e Microsoft), extraído ilegalmente de garimpos clandestinos em terras indígenas brasileiras na Amazônia⁴.

Trazer a ideia de alegoria para a discussão dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade implica dizer que um único tipo de conhecimento parece não ser suficiente para garantir a apropriação e o enfrentamento dos vários determinantes envolvidos nos problemas complexos que vivenciamos. Os povos originários, por exemplo, são mestres na arte de transmitir seus valores e suas histórias para defender seus povos e seus territórios através da contação de histórias (Munduruku, 2015). Nesse sentido, concordamos com Manoel de Barros (2013) quando afirma que “a ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos” (p.316).

Por isso, considerando essa estética do fragmento e a reflexão de síndromes sociais, trouxemos duas obras artísticas para nos auxiliar na análise de evidências ou sintomas significativos socialmente que tem nos aprisionado em um modo de funcionamento que coloca em risco nossa própria existência.

Longe de finalizar esse debate, é importante considerar que a *Síndrome de Hal* evidencia que o aparato tecnocientífico – materializado na Inteligência Artificial e que hoje representa o que há de mais avançado – é determinado por interesses e valores específicos. Da mesma maneira, a *Síndrome de Pariwat* evidencia que o progresso econômico à custa da exploração ambiental também é orientado por interesses e valores específicos do “homem branco”.

Sendo assim, tais interesses e valores urgem pela necessidade de serem analisados e avaliados de forma aberta, transparente e participativa para que possamos definir seus fundamentos e finalidades coletivamente e seguirmos com precaução em nossa jornada comum e planetária.

Dialog with art: Hal Syndrome and Pariwat Syndrome

ABSTRACT

Based on the questioning of natural progress, technocracy and the control of nature and society present in STS studies, the aim of this work is to establish a dialog with art through the works 2001: A Space Odyssey, by Clarke and Kubrick and Um dia, um rio, by Cunha and Neves, considering allegory as a way of revealing social syndromes and criticizing reality. As a method, a theoretical discussion will be held, based on Walter Benjamin's concept of allegory and the structuring of the concept of social syndrome, and then proceeding to analyze the works mentioned, with emphasis on Hal's Syndrome and Pariwat's Syndrome. As a result, the syndrome in its sociological perspective is understood as an allegory that seeks, on the one hand, to reveal a deep technological dependence, with serious psychosocial consequences from the production, use and control of Artificial Intelligence technologies and, on the other, an environmental exploitation that puts the health and life of populations, rivers and the Earth at risk.

KEYWORDS: Art. Allegory. Teaching.

NOTAS

¹ O roteiro da produção cinematográfica foi escrito por Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke, em diálogo com dois contos de Clarke: A sentinela (1948) e Encontro no alvorecer (1953).

² Mais detalhes ver: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/25/pesquisa-mostra-como-mata-ciliar-do-rio-doce-deve-ser-reflorestada-apos-tragedia-de-mariana.ghml>>; <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/norte-noroeste-es/noticia/2024/09/11/apos-9-anos-metais-do-desastre-de-mariana-chegam-as-baleias-no-litoral-desastre-continua-acontecendo-diz-pesquisador.ghml>>; <<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/tartarugas-marinhas-e-biodiversidade-marinha-do-leste/comunicacao/ultimas-noticias/programa-de-monitoramento-da-biodiversidade-aquatica-apresenta-os-resultados-de-quase-9-anos-apos-desastre-da-samarco-vale-bhp-em-mariana-mg>>.

³ Mais detalhes ver: <<https://mirim.org/pt-br/quem-sao-os-nao-indigenas#:~:text=Outro%20termo%20muito%20comum%20para,Kawaiwete%2C%20usam%20varia%C3%A7%C3%B5es%20dessa%20palavra>>.

⁴ Mais detalhes ver: <<https://reporterbrasil.org.br/2022/07/exclusivo-apple-google-microsoft-e-amazon-usaram-ouro-ilegal-de-terras-indigenas-brasileiras/>>.

REFERÊNCIAS

ABRAMCZYK, J. A necessária informação sobre a vacina do HPV. **Folha de São Paulo**, 13/09/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/julioabramczyk/2014/09/1515483-a-necessaria-informacao-da-vacina-contr-o-hpv.shtml>>. Acesso em: 1/09/2015.

AGÊNCIA BRASIL. Vacina contra o HPV divide opiniões. **Portal Agência Brasil**, 03/03/2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/vacina-contr-o-hpv-divide-opinioes>>. Acesso em: 16/06/2015.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BENJAMIN, W. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: ROUANET, S. R. **Obras escolhidas: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRUM, E. **Banzeiro Òkòtó**: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CEREZO, J. A. L.; LUJÁN, J. L.; GORDILLO, M. M. *et al.* **Introdução aos estudos CTS** (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Madrid: OEI, 2003.

CLARKE, A. C. **2001: uma odisséia no espaço**. Trad. Stella Alves de Souza. EDIBOLSO S.A., 1975. Digitalizado por SCS (2010).

CORBANEZI, E. **Saúde mental, depressão e capitalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CUNHA, L. **Um dia, um rio**. Ilustração: André Neves. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FELIPE, A. V. A.; CHAUVIN, J. P. Notas sobre “2001: Uma Odisseia no Espaço”. **Jornal da USP**, 2020. Acesso em: <<https://jornal.usp.br/?p=377845>>. Acesso em Jan 2025.

FLEIG, M. **Psicanálise e sintoma social**. Porto Alegre: Unisinos, 1993.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

KEHL, M. R. Ressentimento: a psicanálise do ressentimento como sintoma social. **A terra é Redonda**, 2020. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/ressentimento-2/>>. Acesso em Jan 2025.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. Pesquisa e organização: Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARQUES, R. M.; LEITE, M. G.; BERWIG, S. E.; DEPIERI, M. A. L. **Pandemias, crises e capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MUNDURUKU, D. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígenas. In: Medeiros, F. H. N.; Moraes, T. M. R. **Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: SESC, 2015. p.213-225.

ROUANET, S. P. “Apresentação”, In: Walter Benjamin. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Cia. das Letras, 1984.

2001: A Space Odyssey, direção de Stanley Kubrick, EUA/Reino Unido, 1968.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

VANIER, A. O sintoma social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 5, n. 2, p. 205–217, jul. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000200001>>. Acesso em Jan 2025.

Recebido: 01/04/2025

Aprovado: 15/04/2025

DOI: 10.3895/rts.v21n63.20105

Como citar:

CROCCO, Fábio Luiz Tezini; COMBINATO, Denise Stefanoni. Diálogo com a arte: a Síndrome de Hal e a Síndrome de Pariwat. **Rev. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 21, n. 63, p.26-42, jan./mar., 2025. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/20105>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

